ADB

ANO II
Nº 17
09/1994

Boletim da Associação
dos Diplomatas Brasileiros

Um Schindler Brasileiro

FICHA TÉCNICA

ADB

Boletim da Associação dos Diplomatas Brasileiros
ANO II Nº 17 - SETEMBRO 1994

CONSELHO EDITORIAL

JOSÉ ANTÔNIO DE MACEDO SOARES
VIRGÍLIO M. DE ANDRADE
CARLOS PEREZ
JOSAL PELLEGRINO
ANDRÉIA RIGUEIRA

JORNALISTA RESPONSÁVEL

DIVA GRADILONE

EDITOR

JOSÉ ANTÔNIO DE MACEDO SOARES

DIAGRAMAÇÃO

TÂNIA REGINA SANTOS RAMOS
CASEDA FELICE

REVISÃO FINAL

ALEXANDRE AFFONSO DA MOTTA BARBOZA

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO

TÂNIA REGINA SANTOS RAMOS

ILUSTRADORES

ARTHUR NOGUEIRA
FRANCISCO PESSANHA
CANNABRAVA
VIVIAN LOSS SANMARTIN

DIGITADORA

CHRISTIANNE BRANDELLI

COLABORADORES

MARIA MARLENE DE SOUZA
LUCIANA DUARTE

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

CHARBEL GRÁFICA E EDITORA LTDA.

TIRAGEM

1.400 EXEMPLARES.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, ANEXO ADMINISTRATIVO I, TÉRREO.

AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO DA RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES.

SUMÁRIO

Editorial 3

Ponto de Encontro 6

Filet à Diplomata 7
João Inácio Padilha

A Beata de Quito nos deixou 9
Victor Manzolillo de Moraes

Ribeiro Couto 11
Cláudio Garcia de Souza

Um Schindler brasileiro 14
Achilles Zaluar

Crônicas Consulares 18
Allegro ma non troppo: Copa de 90
Appio Acquarone

Entrelinhas 20

O Navio-Escola "Brasil" 21
Ademar Seabra da Cruz Júnior

Duas figuras familiares numa paisagem vigiada (Cenas do Ódromo) 22
Alcides G. R. Prates

O Automóvel do Barão 23
Guilherme Pfisterer

Postos 27
Edélcio José Ansarah

CAPA:
Embaixador Hildebrando Pompeu Pinto Accioly, foto do passaporte de 1949.
Coleção Iconográfica, MRE - Rio de Janeiro

EDITORIAL

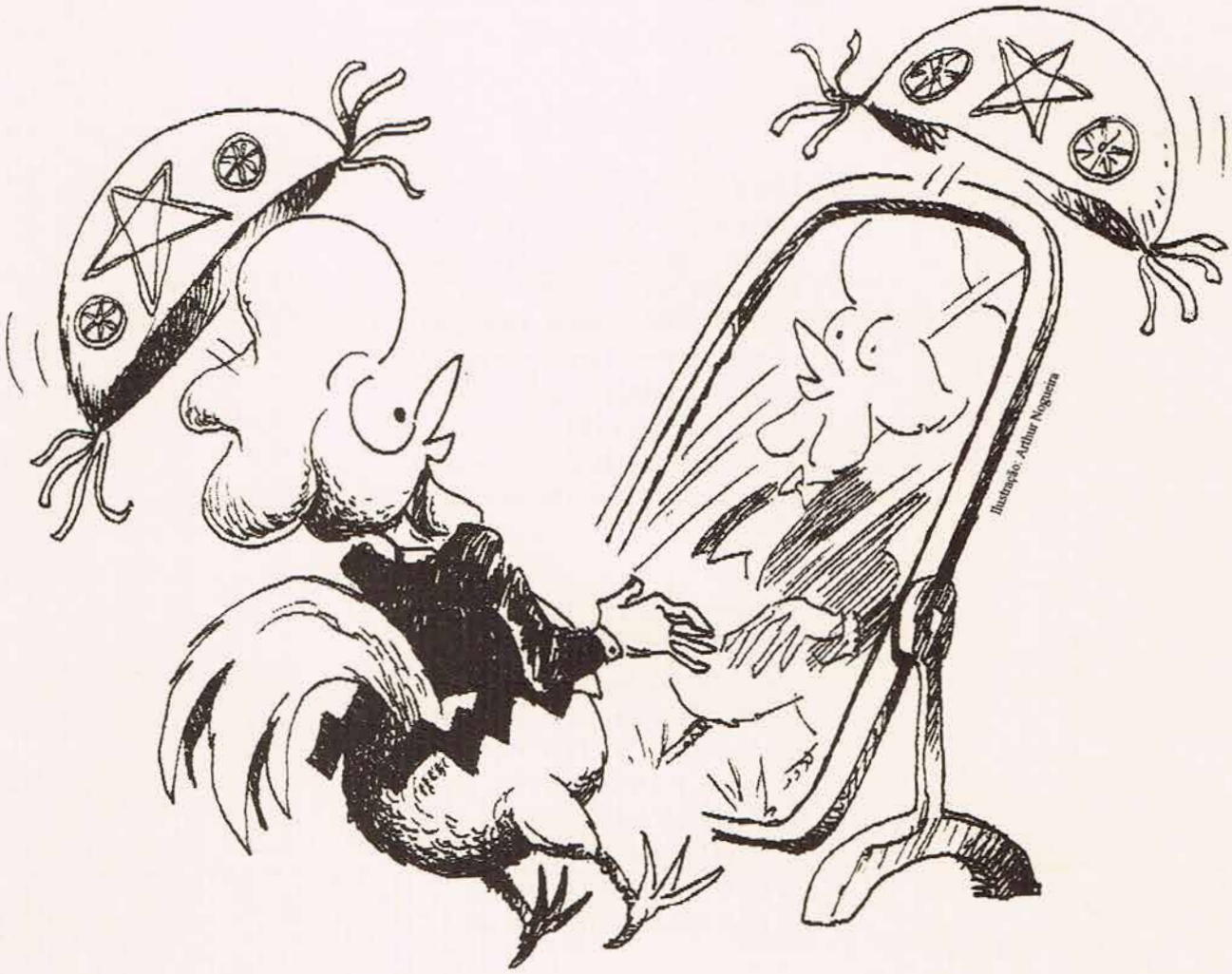
Leitor amigo, quero fazer
Aqui algumas considerações
Sobre o problema das remoções
E outros de nosso "métier";
Pois não se pode esquecer
O que "sofre" um diplomata;
E a esta tarefa ingrata
Me lanço com disposição,
Esperando total compreensão
De nossa classe tão cordata.

Comecemos por falar
No exercício da profissão:
Cada um a sua "missão"
Esforçando-se por executar;
Sem sequer se importar
Para os males que provoca;
Inclusive a tal da fofoca,
E uma ponte de safena;
Isso a mim me dá pena,
E mui fundamente me toca.

Mas falemos também
Das situações folclóricas,
Das que provocam cólicas
E não fazem muito bem;
É o caso daqueles que têm
Que lutar por remoção,
Quadro de acesso e promoção,
Para não falar das chefias;
Tudo isso são porfias
Que provocam indigestão.

Outra situação engraçada,
É a manutenção de normas,
Que em sua primeira forma,
Ficaram cristalizadas;
Mesmo que ultrapassadas,
São defendidas com emoção,
Embora não se tenha precisão,
E às vezes causem problemas,
Contrariando o nosso lema
Que renovar-se é a melhor tradição.

É o mesmo que acontece
Com quem serve no estrangeiro
Que esquece o companheiro
Que em Brasília "padece",
Já que não lhe apetece
Falar em coisas banais
Como ganhar em reais
E morar em superquadra;
Esse aí não se enquadra
Dentro dos padrões normais.



Espelho, espelho meu. Tenho pior inimigo do que eu?

Não esqueçamos de falar
Da dimensão humana do Ministério,
Que é um problema sério,
Mui difícil de encarar;
Pois há que considerar
Que para os jovens são transferidos
Os sofrimentos recebidos
Pelos mais antigos na carreira,
Provocando, dessa maneira,
Os efeitos por todos conhecidos.

Os atingidos por esse mal
Acham que são um mundo à parte,
Com mais beleza, engenho e arte
Que o comum da raça mortal;
Qual nova pedra filosofal
Que aos não-iniciados assusta;
Não sabem eles quanto custa
Essa nossa pabulagem
Para denegrir nossa imagem
Junto ao funcionalismo federal.

Um comportamento corriqueiro
Na nossa nobre profissão
É a falta de compreensão
Para com os companheiros;
Somos useiros e vezeiros
Nessa arte de julgar,
Sem sequer considerar
Que os juízes serão julgados,
Sem direito a advogado,
Conforme o ditado popular.

Outro caso interessante
É o da "disciplina funcional",
Que pode causar grande mal,
Inclusive para as gestantes;
Já que, se a todo instante,
O marido "disciplinado"
Afirma que está ocupado
E de sua esposa não trata,
Afirmo que tal diplomata
Breve estará divorciado.

Para não falar num problema
Que muito me angustia;
E que a todos desafia,
Como um mal-curado efizema;
E que hoje é um emblema
De nossa vida social:
É a "máscara funcional"
Que no rosto está colada,
E que não se tira por nada,
Nem mesmo no funeral.

Uma doença perigosa
Que afeta o nosso meio,
Que causa muito receio,
E nos põe em polvorosa;
Provocando rebordosa
Em amigos e inimigos,
É o "complexo do umbigo",
Que é difícil de cura,
Sobretudo na idade madura,
Quando é maior o perigo.

Por fim, a forma deplorável
Como se trata os aposentados,
Que às vezes são considerados
Como lenço descartável.
Atitude não muito amável
Para quem tanto contribuiu,
E para quem tanto sentiu
As agruras da profissão;
É uma grande decepção
Para quem tanto serviu.

E aqui fica concluído
Esse nosso editorial,
Que, de maneira informal,
Espera ter contribuído
Para um objetivo perseguido
Por aqueles que querem fazer
Da nossa carreira um "métier"
Mais humano e solidário,
Sem dar prejuízo ao Erário,
E conforme as regras do bem-viver.

Homenagem a Walt Kelly

WE HAVE MET THE ENEMY AND HE IS US

Walt Kelly

PONTO DE ENCONTRO

SALÁRIOS

As páginas do Boletim vêm mostrando um adensamento do exame da situação remuneratória dos diplomatas brasileiros. Parece configurar-se um processo de tomada de consciência que estamos procurando desenvolver valendo-nos, nas palavras do Embaixador Oswaldo Biato, de um tom singelo, desa-paixonado e objetivo para discutir um dos problemas que mais agudamente afetam a carreira e a vida dos diplomatas brasileiros, bem como suas famílias" ("Ponto de encontro", Boletim nº15). Proponho-lhe, assim, três modestas observa-ções, se é que podem contribuir para este processo que considero de apoio aos esforços de sucessivas chefias da Casa de vencer resistências neste campo, muitas delas relacionadas com a inércia das Instituições.

Tendo tido a grata satisfação de dar aulas a novos alunos do Instituto Rio Branco. São em número de vinte e nove, altamente qualificados e talentosos. Um terço tem mestrados em diferentes campos. Ao concluírem o curso, estes alunos, então no cargo de Terceiro Secretário, passariam a receber em conjunto - a permanecer a remuneração mencionada em sua carta à Redação da "Veja", publicada no número 16 deste Boletim - remuneração líquida mensal de R$ 14.908,61(29 x R$ 514,09). Isso corresponderia a aproximadamente US$ 16 mil e seiscentos dólares. Assim, vinte e nove profissionais recrutados entre os melhores que um país de 150 milhões de habitantes produz receberiam, conjuntamente, a remuneração individual que qualquer jovem executivo um pouco mais determinado, em qualquer longitude, entre Nova York e Los Angeles, e em muitas outras longitudes, naquele hemisfério, recusará indignado. Dir-se-á: não somos Primeiro Mundo. Sim, mas não somos o trigésimo, tampouco, mal comparando. É certo que, no exterior, a remuneração é melhor. Mas os diplomatas brasileiros são brasileiros e vivem no Brasil grande parte de suas vidas, sobretudo - e este é o aspecto mais preocupante da questão - depois de aposentados.

O Boletim nº 16 traz o teor de cartas que a revista "Veja" não quiz publicar sobre o assunto, inclusive a sua, em nome da ADB. É uma pena que aquele prestigioso órgão da imprensa brasileira não tenha desejado dar maior repercussão a outros aspectos do tema. Outros órgãos tiveram atitude diversa, contudo, como o "Estado de São Paulo". É bom lembrar.

Se não fosse nossa profissão um verdadeiro sacerdócio, como é, que não se mede em horas de trabalho, diria que o artigo do Embaixador Sérgio Bath sobre poesia clássica japonesa (e sobre o Embaixador Galba Samuel Santos), publicado no mesmo nº 16 do Boletim, talvez pudesse inspirar retórica apropriada. Se conseguíssemos, com a técnica do Haikai(um tanka ou um haiku), traduzir para o português, com a mesma brevidade e eloqüência, a expressão em inglês *overworked and underpaid* (sem conotações mesquinhas, naturalmente, e com poesia), é possível que angariássemos maior simpatia.

Conselheiro Alcides Gastão Rostand Prates
SERE - Brasília, DF

TANTINE

Do número 16 (agosto de 94) dessa publicação, não posso deixar de destacar a grande beleza da vinheta de autoria do colega Augusto Estellita Lins (Tantine, pag. 18), onde se harmonizam a ternura do autor e da personagem principal com o mais cruento e plástico realismo da descrição do Mercado de Yaoundé. Uma peça que eu gostaria de ter escrito, uma experiência que eu gostaria de ter vivido.

E quem foi o ilustrador? O próprio?

Ministro Christiano Whitaker
CONSBRAS SAN JUAN

Nota da redação: A ilustração do artigo Tantine também é de autoria do Embaixador Estellita Lins.

CALÚNIA

Familiares de diplomatas normalmente não escrevem para o Boletim ADB. Contudo, a quem posso me dirigir neste momento de sensação de injustiça diante da nota contra meu marido publicada na VEJA? Em especial, sinto impotência diante da possibilidade de que o Itamaraty mais uma vez volte a se calar diante de acusações infundadas. Neste momento, encontro consolo em passagem de romance de Stefan Zweig, citando Dom Basílio de *O Barbeiro de Sevilha*:

"A calúnia, Senhores! Sabeis bem o que é que desdenhais? Já vi as pessoas mais honestas quase serem esmagadas! Acreditai que não há baixa maldade, horrorres, histórias absurdas que não se consiga fazer crer aos ociosos de uma grande cidade, sabendo-o fazer; e nós temos aqui gente tão esperta!... Primeiro, é ligeiro rumor, que passa roçando o chão como a andorinha antes da tempestade, "pianissimo" murmura, vai e semeia correndo o dardo envenenado. Uma boca o recolhe e "baixinho, baixinho", vo-lo insinua destramente no ouvido. O mal está feito e, então, brota, sobe, caminha e, "reforçando-se" de boca em boca, vai ao diabo: depois, de repente, não se sabe como, vereis a calúnia erguer-se, sibilar, inchar à vista de olhos. Estirar-se, estendendo o vôo, desorganiza, revolve, arranca, arrasta, arrebenta, e ribomba, tornando-se, graças ao céu, um grito geral, um crescendo público, um coro universal de ódio e de condenação. Quem, diabo, lhe resistirá?"

Lucinha Couto
BRASEMB PANAMÁ

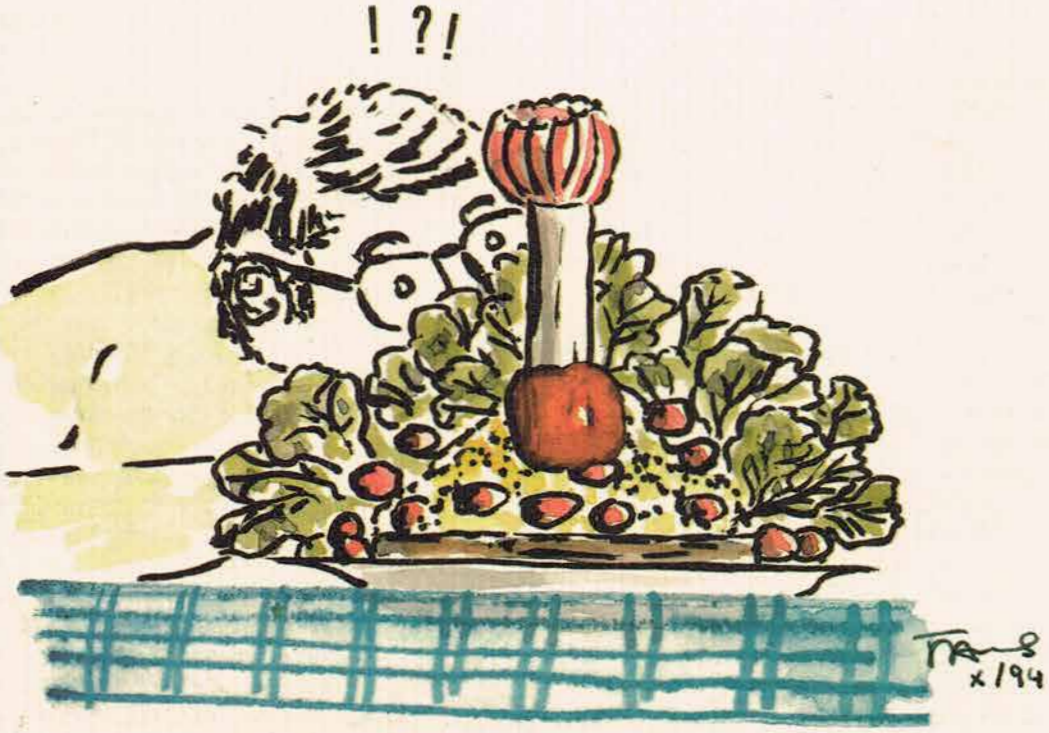


Ilustração: J. A. Macedo Soares

FILET À DIPLOMATA

João Inácio Padilha

Eu viajava de Brasília ao Rio, sozinho, de carro. Parei para dormir em Sete Lagoas. No restaurante do hotel, olhei o cardápio. Tinha um negócio chamado filet à diplomata. Pedi.

- E para beber, o que deseja o meu patrão?

- Uma caxambu.

(Extraio deliberadamente, de um poema do nosso Chico Alvim, este pedaço de diálogo entre cliente e garçom.)

Depois de umas dez horas seguidas ao volante, eu estava tenso e cansado. Com tantos quilômetros de asfalto pacientemente devorados metro após metro, eu não tinha ânimo, naquele restaurante de Sete Lagoas, para ter exigências de gourmet. Quando muito, só me ocorria lembrar que ali, no interior de Minas, carne é a melhor pedida. Confrontados com menu, meus olhos procuraram rápido a seção respectiva e bateram logo naquele filet à diplomata. Nem li as demais opções. O prato escolhido podia até não ser melhor que os outros, mas ao menos trazia, no tempero do seu nome, o sabor picante da ironia.

Demorou. Quando chegou, descobri finalmente o que era um filet à diplomata: tratava-se de uma maquete de um jardim da Babilônia sobre louça branca. O filet, ladeado por vistoso arranjo de alface e rabanetes, servia de base para um tomate cozido sobre o qual havia sido erguido um obelisco de múltiplas variedades hortícolas, cujo equilíbrio era assegurado por uma argamassa de maionese e por um eixo central, que consistia num palmito. O que vinha na ponta do palmito? Um rabanete em apoteose, de coronário aspecto, a casca separada do seu corpo em tirinhas.

É sempre assim. Quando você pensa em luxo e ostentação, distinção e sofisticação, pensa em diplomata. Se a indústria de automóveis lança um carro com acabamento de alta classe, seu indefectível nome será: "Diplomata". Hotel pretencioso: "Diplomata" - alternativamente, "Ambassador" ("me deixa no Ambassador, por favor"). Padaria que vende croissant: "Padaria e Confeitaria Diplomata Ltda". Ninguém conhece um bar chamado "Médico", ou uma "Agência de Viagens Advogado", ou um "Buffet Jornalista".

Isso é bom para os diplomatas? Não, é péssimo. Apenas ajuda para reforçar o clichê dos punhos de rendas e coisas do tipo, que se incrustaram como craca na imagem da classe. Muita gente olha um diplomata como se ele fosse um ser ornamental, uma Carmen Miranda com uma apoteótica coroa de rabanete.

Não propugno pelo repúdio à exploração comercial da marca da classe; apenas constato que tudo isso é um estereótipo que nos atrapalha em nossas relações com a sociedade - a qual, se guarda de nós a reputação da seriedade e da dedicação, conjuga-a, não obstante, com a antítese da futilidade e da boa vida. No imaginário coletivo, diplomatas são uma gente privilegiadíssima. Eles reclamam dos seus salários? Ora, mas isso não deve passar de um desses *inside jokes* que eles gostam de fazer. São tão *blagueurs*, eles. Tão sutis...

Nas manifestações que tenho lido no Boletim da ADB, toca-se sempre numa tecla: o salário que a gente ganha é uma injustiça. Não há dúvida, mas acho que existe uma questão prévia: a do estereótipo, que nada mais é do que uma forma de desrespeito, um quase insulto. É com base na insistência nesse estereótipo que a classe tem suas reivindicações sistematicamente desprezadas.

Um exemplo? A tal matéria da *Veja* sobre os salários dos diplomatas. Desde o título - "CUT de rendas" (alusão pobre ao já pobre clichê dos punhos de rendas) - até as estapafúrdias incursões do repórter pelo fascinante mundo das denúncias jornalísticas, tudo ali denota apenas isto: abuso ofensivo de um estereótipo.

Fico imaginando o jornalista saindo da conversa com o José Antônio com a seguinte pulga atrás da orelha, de forma até inconsciente: "Ih o cara, aí... todo bacana, dando uma de cutista..." Vejo-o intrigado com a desconcertante incompatibilidade entre interlocutor tão articulado e cordial e a contundência da mensagem que acaba de registrar em seus apontamentos.

> ***"É difícil, ao arremedo coronelista que libera a verba, dialogar paternalmente com o diplomata enfatiotado..."***

A matéria que ele irá escrever terá apenas uma mensagem, forçada além do limite da lógica: esses diplomatas são "um dos times mais bem preparados do Governo brasileiro", mas não têm a cultura da questão salarial, o que torna suas reivindicações, nessa matéria, ilegítimas *a priori*. Quando entram nessa seara, são uns otários que metem os pés pelas mãos e embaralham todos esses membros nos seus punhos de rendas, conspurcando-os na lama da mesquinharia.

Ainda a propósito da questão salarial, subsiste uma perversidade adicional: na burocracia, o reajuste de salários é um ato paternalista o qual, convenhamos, é exercido com mais naturalidade em relação a um motorista do Congresso do que em relação a um Terceiro Secretário que já nasce com o condão de falar inglês e francês e usar talheres adequadamente. É difícil, ao arremedo coronelista que libera a verba, dialogar paternalmente com o diplomata enfatiotado, de graças sociais e exuberância intelectual, que não adquiriu as humildades necessárias para pedir aumento de salário.

Parece-me, portanto, rigorosamente normal e previsível que o cinesíforo parlamentar seja, em tal sistema, mais privilegiado que o operário das letras e das pompas. ❖

A Beata de Quito nos deixou

Victor Manzolillo de Moraes

A primeira beata todos sabem quem foi, a beata Maria do Egito que Raquel de Queiroz exaltou em uma das suas mais belas obras. A segunda, é a nossa mesma, a doce e querida amiga que acaba de partir, a Embaixadora Beata Vettori. Li no Boletim de Serviço, que, aliás, ultimamente, anda farto em notícias tristes desse tipo. Mulher inesquecível por sua finura, e chefe admirável por sua competência e dignidade. Beata Vettori foi sepultada no Rio no dia 15 de setembro. Mal sabia eu, enquanto aguentava um sol de 40 graus durante solenidade cívica ao ar livre, sob um límpido céu azul, mal sabia eu, ia dizendo, que nessa mesma hora lá se ia pelos ares aquele espírito bondoso e querido. Por pouco não a vi em seu caminho às alturas, se não estivesse de olhos presos, hélas, às prosaicas discurseiras do Dia Centro-Americano, olhando o chão e os vivos, alheio às coisas do céu... Se ela passou voando nessa hora sobre a América Central, que me perdoe se não a saudei. Vai, atrasado, este meu adeus.

Beata passou, incólume às vaidades mundanas, pelo eixo Paris-Londres, onde foi Cônsul e por tantos outros Postos. Eu a conheceria, porém, só bem mais tarde em meu primeiro Posto, Quito, em 1969. Ali estávamos, com Jorge Ronaldo Lemos Barbosa, um colega que recebeu o novato Terceiro Secretário com enorme carinho e a quem, até hoje, recordo com especial afeto. Depois, chegou Ricúpero, já Segundo Secretário, um verdadeiro "Ministro Conselheiro" da Beata, erudito e boa praça, com sua Marisa e duas meninas, companheiras de brincadeiras de meus filhos. Depois, ainda teria o prazer de conviver, naquele Posto de grande beleza, com o Virgílio Moretzsohn e sua bonita Marielda. Que mais pedir em tão feliz estréia no exterior, com colegas desse calibre?

Beata me recebeu no aeroporto com o Oldemar Murtinho, irmão de Vladimir. Oldemar parecia *gentleman* inglês, disfarçado de equatoriano. A presença da Chefe do Posto no aeroporto para acolher um bisonho Terceiro Secretário já me impressionou: "gente coisa é outra fina", pensei, com os meus botões do elegante casaco argentino. "Era no tempo dos Reis...", quando brasileiro comprava tudo na então baratíssima Buenos Aires. E lhe dei um abraço apertadíssimo, agradecido por ter me chamado para com ela servir em Quito. Rimos muito quando ela recordou o telegrama que eu lhe enviara do Rio. O nosso Itamaraty ainda estava na Rua Larga, a barulhenta Marechal Floriano, naqueles tempos antigos em que os cisnes falavam. O belo prédio ficava quase em frente à Delegacia de Polícia e às Casas da Banha, numa bizarra trilogia. Minha remoção tardava a sair, e quando, finalmente, foi publicada a Portaria, enviei-lhe ingênuo telegrama da agência que havia bem em frente ao Bife de Zinco. O texto era curto e falava de minha satisfação: "Cansado, mas feliz! Chegarei dia X, procedente de Buenos Aires, Manzolillo". Rimos muito, outra vez, ao sair do aeroporto, recordando aquilo. Nunca me arrependeria de ter iniciado a Carreira no exterior naquele belíssimo país e subordinado à Beata. Aprenderia em boa escola, e, ademais, poderia ter um pé no Hemisfério Sul, outro no Norte quando visitasse a famosa Linha que corta a cidade a quase 3 mil metros de altitude. Como se vê, comecei em boa companhia e já nas "alturas" da *Carriére*... Cruzada a linha equatorial para o norte, já me sentia no Primeiro Mundo!

Beata foi logo gozando o novato, que chegava com o tal casaco argentino: "Ah, meu filho, nós, Embaixadores, não temos essas roupas finas!" Rimos a terceira vez, e a amizade já estava cimentada antes que a velha Mercedes chegasse ao centro da cidade. Seu grande coração, sua maneira quase maternal de tratar um diplomata iniciante, tudo, enfim, confirmava a minha sorte de ter ido trabalhar com Beata.

Um dia chegou por lá o Embaixador Lauro Escorel de Moraes, chefiando Delegação a uma reunião intergovernamental. Chegando à Sessão inaugural, fui logo sapecando duas beijocas no rosto bonito e empoado de pó de arroz cheiroso da Beata. Ela deu um saltinho, pequenina e fofinha que era, e me repreendeu amavelmente: "Meu filho, em local de trabalho, nada de beijinhos, isso fica para a intimidade!" Boa lição, dada com o seu eterno sorriso de mãe que nunca foi.

Como o primeiro amor, assim é o primeiro Posto e o primeiro chefe: deixa marcas perenes. Se estas boas e exemplares, tanto melhor, farão um bem imenso ao diplomata que começa a sua vida profissional. Se não, corre-se o risco de uma mágoa que nos acompanhará até o enterro prévio, digo, até cairmos nos sete palmos do QE.

Beata Vettori (como evitar o lugar-comum?) deixa infinito vazio com a sua partida física. Mas, tendo deixado boas sementes naquelas altitudes quitenhas, onde convivemos, ela ficará germinando, risonha e bondosa, nos altos páramos andinos, à sombra do nevado Cotopaxi. Fará companhia às esbeltas llamas, passeará pelos ares na companhia do condor, enquanto, aqui embaixo, "...nós, cavalões, comendo...", como disse o grande Bandeira. E já que termino este afetuoso adeus à Beata, citando o mestre do Recife, diria, ainda, que aqui ficamos nós, os vivos (vivos até demais), enquanto Beata,como o avô do Poeta que ela tanto apreciava, agora "dorme, profundamente". ❖

Claudio Garcia de Souza

Ribeiro Couto

RUI RIBEIRO COUTO nasceu em 12 de março de 1898 em Santos e lá fez seus estudos primários. Seu curso secundário e o princípio de seu curso de direito foram feitos na cidade de São Paulo, onde se iniciou no jornalismo. No Rio de Janeiro, terminou seu curso de direito e se firmou como jornalista, mas a tuberculose o fez recolher-se às alturas de Campos do Jordão, e nessa época lançou seu primeiro livro de poesias e três livros de contos.

Depois de exercer-se como promotor público no interior do país, começou em 1928 sua associação com o Itamaraty, como auxiliar do Consulado Geral do Brasil em Marselha. Transferido para Paris em 1931, no ano seguinte veio a ingressar na carreira diplomática. De regresso ao Brasil, teve em 1934 um ano pródigo, pois teve sua primeira promoção no Itamaraty e foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, na qual tomou posse sem demora, tornando-se seu mais jovem membro.

Alternando suas temporadas no exterior com seus regressos ao Brasil, vivendo 5 anos na Haia e lá aprendendo fluentemente o holandês, passando por Lisboa e por Genebra, exercendo suas funções consulares ao mesmo tempo em que aumentava sua bagagem literária, Ribeiro Couto chegou a Belgrado, como ministro plenipotenciário, em 1946.

Na velha Iugoslávia veio a viver 16 anos, foi feito Embaixador e demonstrou que o serviço diplomático é perfeitamente compatível com a atividade literária e não impede a manutenção dos laços essenciais do diplomata com seu país. Peregrino Júnior, um dos grandes amigos de Ribeiro Couto, disse que ele "conhecia a arte sutil de ser amigo".

Ribeiro Couto, que morreu em Paris em 1963, menos de três meses depois de sua aposentadoria, tem merecido-com justiça-vários estudos e apreciações de críticos literários e de colegas de carreira, como é o caso, entre os segundos, de Vasco Mariz, que com ele serviu em Belgrado, e recente-mente de Marcus André Rouanet Machado de Mello que, em 1991, dele se ocupou na tese "Ribeiro Couto: vida e obra", submetida ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas da UnB. Consta-me que Vasco Mariz está por publicar novo trabalho sobre Ribeiro Couto, mas registro minha admiração pelo estudo primoroso de Marcus André Rouanet, que merece publicação.

Em 1987 tive o prazer de marcar o 40º aniversário da chegada de Ribeiro Couto a Belgrado com o lançamento duma pequena coletânea bilíngüe de seu "Cancioneiro do Ausente" ("Kanconijero Odsutnoga", com a versão croato-sérvia de Ante Cettineo). Nela incluí um pequeno estudo - "Ribeiro Couto, diplomata em Belgrado" - de minha autoria e um estudo de Zelimir Brala, regente da cadeira de português e Literatura Lusófona da Universidade de Zagreb, intitulado "O poeta Rui Ribeiro Couto".

A carta transcrita a seguir foi mandada em 16/11/1947, pouco depois de sua chegada a Belgrado, a Manuel Bandeira, um de seus fraternais amigos, até na tuberculose. Ela revela muitos sentimentos de Ribeiro Couto, sua sabedoria de vida, sua capacidade de adaptação, sua simpatia pela gente de todas origens, sua sensualidade, seu apego aos amigos, seus queixumes com as atenções que não recebia, sua alegria com os afagos que lhe faziam, sua satisfação com um simples banho de mar no litoral da velha Ragusa - a Dubrovnik tão bonita e tão castigada na recente explosão da desfeita Iugoslávia.

Não tenho dúvida de que Ribeiro Couto ficaria triste e decepcionado se tivesse chegado a ver em que deu o que em 1947 lhe pareceu ser uma obra de mediação entre "correntes ambiciosas e extremistas" nas mãos de "um bichaço simpático". É preciso ressalvar, porém, que essas primeiras impressões de Ribeiro Couto sobre a situação na "nação pequena", por que tanto se encarinhou e onde foi realmente querido, vieram a alterar-se com suas observações posteriores, quando teve várias confirmações de que "o pessoal do governo é lontano e arisco" e de que o "T." nunca deixou de ser um grande chefe comunista, ainda que separado de Moscou por seu nacionalismo próprio.

O Itamaraty deve sentir-se feliz de contar em seus quadros, no passado e no presente, com tantos expoentes da cultura de nosso país, que não faltaram ao cumprimento de suas funções diplomáticas, nem descuraram suas atividades artísticas ou intelectuais.

Como disse ao concluir meu pequeno estudo sobre Ribeiro Couto, ele "obedeceu a instruções e princípios, esbanjou seu coração e em nenhum momento arriou a bandeira". ❖

Belgrado, 16.11.47.

Manoel,

Há muito que não tenho carta sua. Espero que sua saúde esteja rija e que tudo lhe corra a contento. Aos Blank, mando muitas lembranças. *Ik heb niet hollandsh vergeten, toch begin ik serbisk te leeren.*

Sim senhor, estou aprendendo sérvio. Aprender uma língua estrangeira no país dela é uma sensualidade. A gente parece que está comendo a terra do chão, o ar, as núvens, as pessoas (as que valem a pena ser comidas).

À parte a questão do regime duro, da linha moscovita, da rolha, do arturbernardismo, da imprensa à sens unique, enfim à parte a ausência de tudo que faz o pitoresco e que dá sabor ao estado liberal, isto é uma terra amorosa. A gente do povo é cabocla. Às vezes me sinto em Pouso Alto. Nos primeiros tempos, vive-se na assombração da polícia, que não é sopa, e por toda a parte tem ouvidos; depois, a gente se acostuma e fica amigo dos secretas, troca idéias com eles, fala mal ou fala bem do governo com eles, conforme o fígado naquele dia. E tudo dá certo. No fundo, o que eles querem saber é como a gente é. Quando vêem que a gente não mente, e age com naturalidade (sem política, porque política não é coisa em absoluto permitida), então entra-se num período de esquecimento completo. Só inglês e americano é que corta volta, e as pequenas que saem com eles vão para o xadrez, quando eles são removidos para a Coréia ou para as Filipinas.

Falando muito sério. O João Neves me deu um bilhete premiado de loteria. Eu bendigo a hora em que vim ver de perto esta experiência terrível. Tudo reduzido à pobreza e à mediocridade, salvo as novas classes aristocráticas e directoras - os da panela. Mas há nuanças. E um homem que foi magistrado, como eu, não pode dispensar o conhecimento e o reconhecimento das nuanças para fazer justiça ao réu. O T., por exemplo, é um bichaço simpático, que procura agir como mediador entre as correntes ambiciosas e extremistas. Parece que tem bom coração. É pelo menos não só o meu instinto, como a minha informação. De parte processos, luta anticatólica e questões políticas (que não podem ser atribuídos exclusivamente a ele), é homem de boa envergadura. Infelizmente, está do outro lado. E dele eu devo dizer como dizia João Alberto em 1932: "Que bom se este nosso adversário estivesse conosco!".

Sou muito bem tratado e falo com todos com a maior naturalidade. Isto é mais honesto e mais inteligente do que vir aqui bancar o esquerdista ou o leninizante-aprendiz. Não senhor: retrato do Salazar na minha salinha de hotel, à vista. Pois bem, há de v. acreditar que simpatizam comigo? No plano prático, esta simpatia não rende nada, porque a nossa linha é anti, no duro, e terá de ser assim. Mas, no plano pessoal, me deixa à vontade para viver a minha vida, que aliás é modesta e discreta. Mas quero assinalar, por exemplo, que nesses cinco meses tenho sido atendido em todas as reclamações e só tenho encontrado boa vontade. Incidente com iugoeslavo, nenhum. Estou principiando a amar esta gente, este povo (afora qualquer preocupação de órdem política, porque de resto, o pessoal do governo é lontano e arisco). Mas a minha simpatia vem, primeiramente, do facto de ser uma nação pequena, colocada nesta fatal posição geográfica, e reunindo povos da mais contraditória origem histórica, religiosa e política. Comparado com isto, o nosso melting-pot é sopa de pinto. O regime actual, com todos os seus terríveis e irremediáveis defeitos, tem a virtude de procurar unificar estes povos, infundindo-lhes um sentimento geral de pátria que deve superar as incompatibilidades locais. Entre os exemplos mais dolorosos dessas incompatibilidades está a guerra de libertação, em que a Croácia, ocupada pelos alemães e bancando o reino autônomo (com um italiano que nunca ousou pôr o nariz em Zagreb), liquidou 500.000 sérvios ortodoxos, assim, de colher, com um canivete marca Roger, na pura degola, à boa maneira de 1893 nos pagos sulinos. Uma coisa da gente não querer mais pensar nela!

Passada essa onda de sangue, o regime actual veio descentralizar a administração (seis repúblicas, no gênero dos nossos Estados) e, salvo a organização marxista, o nivelamento por baixo, é possível que esta nação venha a unificar-se um dia. Os Iugoelavos são nacionalistas exaltados, à maneira dos Nordestinos. No fundo, estou morando em Pernambuco (ou, melhor dito, na Paraíba).

Já v. está vendo que bruto geyser de simpatia humana irrompe do meu peito por esta gente que vejo nas ruas, que vejo nos campos, nos mercados, nas praias. Que doçura de povo! Que jecas-tatus! Que desinteresse! É o único país do mundo em que o chauffeur envergonha você, dizendo: "Dosta!" (Basta). Porque, se a corrida é de 90 dinares, e v. começa a entregar, em suplemento, mais notas de 10, ele acha que em chegando à altura de 120 já "dosta". Pois é como lhe digo: facto passado comigo e com meu excelente secretário Arnaldo de Oliveira Ferreira.

Esse é o aspecto íntimo, doméstico, da minha vida aqui. O resto - o que é o principal - é duro de roer. Muito duro. Mas vou vivendo com aquela coragem e sinceridade de ânimo que v. viu em Pouso Alto. Já tenho os meus Balbinos e os meus Mário Netto. No fundo, nasci para amar os povos. "Sou amigo dos estrangeiros e das nações", como lá rezo no "Nordeste". Nunca confundi os Dulcídio Cardoso com o Brasil, e por isso não confundo a Iugoeslávia com os Dulcídios de cá. Que os há, de faca atravessada nos dentes.

Impressão geral, pois: estou em Minas, em época brava, de competição eleitoral. Apenas, não há eleições, senão pró-forma, e para animar as cidades e aldeias.

Grandes coisas se estão passando no mundo. Não sei se v. e eu viveremos bastante para ver o resultado. Como quer que seja, salvemos ao menos as nossas almas, e demos aos homens encontrados

no caminho, individualmente, o justo preço a virtudes inegáveis. Estes daqui surgiram do heroísmo, do mais puro heroísmo - nos matos, nas furnas, nas montanhas - contra o Alemão cruel e poderoso. Não os julgo nos crimes cometidos na guerra civil, porque nenhuma guerra civil pode ser julgada: toda ela é uma sucessão de males imperdoáveis, e só quem tomou parte nela tem o direito de falar. Individualmente considerados, porém, há aqui sujeitos verdadeiramente admiráveis, a começar pelo T.

Vivo num quarto de hotel, ainda sem casa para me instalar. Trabalho muito. Leio muito, para me informar do que vai pela península, pela Europa e pelos outros continentes.

Varo as noites, até as cinco da manhã, lendo e escrevendo. E não dou conta do recado. Também, como efeito de tudo isto, não me escapa nem o que se passa na Birmânia. Apenas não sei se toda esta informação absorvida valerá um dia, será de algum proveito.

Poesia, empacada no livro escrito em Portugal. Com o esquecimento em que ando e com a injustiça com que sou tratado pelos ocupantes do cartaz, pouco me importo de publicar. Sempre foi assim, como v. sabe. Prefiro merecer a consideração devida entre os críticos de aqui a cem anos, os "happy few". Actualmente, exerço o meu métier diplomático em todas as horas do dia, e me entreguei a isso desde os pés até a cabeça. Preparo-me para exercer um papel útil numa grande arena.

O que me aborrece é passar tão longos períodos longe da Menina, a sempre noiva de São Bento. Saí de Paris em 6 de junho (quatro dias antes do aniversário dela) e já lá vão mais de cinco meses. Aliás, escrevo-lhe quase todos os dias. Mas as cartas demoram dez dias, às vezes quinze! O correio mete o nariz em tudo. Se meter nesta carta, f.....da-se. (É a minha diplomacia).

NUNCA RECEBI UM ÚNICO NÚMERO DA REVISTA DA ACADEMIA DEPOIS QUE SAÍ DE PORTUGAL, EM MAIO DE 1946.

Não sei também em que ponto vai a publicação do "Vocabulário Resumido". Só de Portugal recebo pontualmente e fielmente as publicações acadêmicas e outras. Acabei alugando uma quinta e indo esperar por lá o reumatismo final...

Pulmão, sólido (graças a Deus). O clima aqui é de altos e baixos, porém vou-me dando bem.

TOMEI BANHO DE MAR DURANTE DEZ DIAS NA COSTA DALMÁTICA. Doutor Manoelzinho, TOMEI BANHO DE MAR! (o hotel Ragusa, onde estive, tem "praia" própria - "praia": leia rochedo e água funda). Até que um dia não resisti. Estava com um egípcio e duas holandesas, grandes banhistas e nadadores. Ah, a água me chamava... Parecia que a Sereia do Mar estava no fundo. Que água! Transparente ao ponto de v. ver os peixes!..... Como lhe conto!

Então, de repente, pus-me de pé na beira do bote e - brucutum. Nadei, mergulhei, mergulhei, nadei, e acabei freguês do banho de mar duas vezes por dia. Resultado: melhorei da bronquite!... Entenda!...

Agora, só espero Maio para de novo ir a Ragusa (que costa linda, a da Dalmácia!) e voltar aos mergulhos. E quando chegar ao Rio, o Vista Alegre vai virar Vista Triste, de despeito: quero sítio é na Marambaia ou em Cabo Frio.

"É doce morrer no mar", diz a canção. Eu por mim, não quero morrer no mar mas - quero - gozar o mar. Amores dos cinqüenta, depois de vinte e cinco anos de afastamento.

E eis aí alguma coisa do meu noticiário em português. Irradie-me qualquer coisa da sua vida, dos nossos amigos. O Odilo passou a morar no Piauí? Esse compadre virou estátua de silêncio.

Todo sujeito que vai cumprir 10 anos em Frei Caneca estrila ao chegar. Leva tempo para se acostumar com a bóia (aqui, é com óleo de girassol e banha de carneiro), o diretor, os guardas, etc. Depois, começa a criar hábitos. Acaba por fazer uma estante de caixão, organiza livros, arranja um flirt com uma morena entrevista, através das grades, recebe bilhetinhos, escreve bilhetinhos, assina um jornal, vai à missa do domingo e termina ajudante de Carcereiro, medalha de ouro de comportamento. Pois, Manuel, eu preferia morar nas Laranjeiras e tomar todas as manhãs o ônibus; mas uma vez que estou em Frei Caneca, o remédio é achar encanto até num passarinho que vem pousar na minha janela de grades.

A propósito de coisas líricas:

Diga ao meu querido Roquette Pinto que está aqui a Mme. Gomez, iugoeslava, viúva de um consul uruguaio, com quem ele viajou uma vez e a quem fez muitos versos. - "Sim senhor, a Manuela!" Sim senhor, o Roquette! Fez versos a uma senhora com quem vou jantar depois de amanhã e que é minha companheira de bridge. Fala dele com muito encanto, saudade... e reconhecimento. (Este Roquette, imagino o que houve entre as borôros! Que derrubada!).

Meu fígado, depois que suspendí os dois ovos quentes matinais, anda muito optimista. Esta carta é toda optimista. Prefiro que seja assim. Não vale a pena. Contar melancolias a tão grande distância, e para nada. O melhor é mostrar a v. os meus animosos propósitos de detento risonho.

Dovidgénia!

Saudoso abraço.

Lauro

Coleção Iconográfica do MRE

Um Schindler brasileiro

Achilles Zaluar

UMA QUESTÃO HISTÓRICA POUCO CONHECIDA

Há tempos que eu encontro, aqui e ali, referências esparsas e contraditórias a uma questão histórica na qual o comportamento pessoal e institucional de diplomatas brasileiros teve papel de primeiro plano. Trata-se da imigração para o Brasil, nos anos 30 e 40, de refugiados judeus europeus que tentavam escapar das perseguições nazistas. Ou melhor: da não-imigração, uma vez que os obstáculos impostos pelo regime Vargas fizeram que só um número muito reduzido alcançasse a segurança nas terras brasileiras.

Qual não foi minha surpresa quando encontrei, aqui mesmo na Livraria Siciliano do Parkshopping, uma obra recente que lança novas luzes sobre o assunto: "Os Judeus do Vaticano - a tentativa de salvação de católicos não-arianos da Alemanha ao Brasil através do Vaticano (1939-1942)", de Avraham Milgram, Ed. Imago, Rio, 1994.

Milgram, historiador israelense nascido na Argentina e criado no Brasil, centralizou sua pesquisa em episódio quase desconhecido, que tentarei resumir em poucas palavras. Note-se que ele utilizou amplamente o Arquivo Histórico do Itamaraty, encontrando a correspondência diplomática e os expedientes internos relevantes.

OS JUDEUS DA SANTA SÉ

Após a famigerada Noite dos Cristais (9-10 de novembro de 1938), a Santa Sé, atendendo à iniciativa da Igreja alemã, procurou favorecer a emigração dos chamados "católicos não-arianos", ou seja, judeus convertidos ao catolicismo, os quais eram considerados, pelas leis de Nuremberg, no mesmo plano que os que mantiveram a fé mosaica.

Em contatos ocorridos em Genebra, ao que tudo indica, entre membros da Sociedade São Raphael (entidade católica alemã) e o Ministro Hélio Lobo (representante do Brasil na OIT e na Conferência de Evian sobre refugiados), surgiu a idéia de se solicitar ao Presidente Vargas uma quota de 3.000 vistos para católicos não-arianos de nacionalidade alemã. A cifra, de caráter algo aleatório, parece fundamentada nas instruções da delegação brasileira para a fracassada Conferência.

UMA POLÍTICA DE IMIGRAÇÃO NOS ANOS 30

Para explicar o que representava a concessão da quota dos 3.000, Milgram analisa a política imigratória do Estado Novo, coordenada, sobretudo, pelo Itamaraty e pelo Departamento Nacional de Povoamento do Ministério do Trabalho, no âmbito do Conselho de Imigração e Colonização (CIC). O objetivo do regime Vargas era forçar a assimilação de todas as minorias dentro da nacionalidade brasileira, inclusive com medidas de repressão policial contra as colônias alemã, italiana e japonesa. No que se refere à imigração, devia ser evitado o ingresso de estrangeiros considerados pela ideologia estadonovista como "inassimiláveis", sobretudo - de forma peremptória - os judeus.

Assim, a Circular Nº 1.127, de caráter secreto e dirigida a todos os Postos em 7 de junho de 1937, simplesmente proibia que fossem visados os passaportes de "semitas" (sic), com algumas poucas exceções (residentes no Brasil, casados com brasileira, etc). A recusa do visto deveria ser justificada, segundo as instruções da Circular, "sem qualquer referência à questão étnica".

O BRASIL CONCEDE UMA QUOTA

Em 20 de junho de 1939, o Núncio Dom Aloisio Masella, após meses de insistentes solicitações, apresentadas como pedido pessoal do Papa Pio XII, finalmente obteve do Ministro Oswaldo Aranha a promessa de conceder 3.000 vistos a refugiados católicos não-arianos. Dois terços dessa quota seriam concedidos pela Embaixada do Brasil em Berlim e os 1.000 vistos restantes, para nacionais alemães ou de outros países, seriam coordenados pela Embaixada em Roma. A quota foi estabelecida pela Resolução Nº 39 do CIC, de 23 de junho de 1939, a qual foi aprovada, de acordo com Dom Masella, contra o parecer dos membros do CIC e em razão das pressões do Presidente Vargas e do Ministro Aranha, "que quiseram, de algum modo, satisfazer à augusta vontade do Santo Padre".

No decorrer do período subseqüente, porém, foram expedidas diversas instruções e circulares, todas de caráter restritivo: a Circular nº 1.499 do CIC, de 24 de dezembro de 1940, reiterando a proibição de "concessão de visto temporário ou permanente a israelitas semitas", adotada por proposta do Ministro da Justiça, Francisco Campos; o Decreto-Lei Nº 3.175, de 7 de abril de 1941, que transfere a competência sobre a decisão de concessão de vistos do Itamaraty para o Ministério da Justiça, e outras medidas correlatas.

A perda de competência do Itamaraty tem motivo, de certa forma, honroso para a Casa. Apesar das instruções restritivas, parentes e amigos dos refugiados judeus procuravam protetores influentes dentro da Secretaria de Estado para obter instruções em favor de indivíduos e famílias extraviados em algum porto europeu, e muitas vezes conseguiam. Assim, o compadrio e, porque não dizer, o "jeitinho" brasileiro possibilitaram certo número de exceções, irritando os defensores de uma linha rígida e causando, indiretamente, a reiteração e enrijecimento das proibições.

PÁGINA NEGRA

Veja-se, por exemplo, o que deve ser uma das páginas mais negras da história deste Ministério, o Memorando MRE/sem assinatura, de 15 de janeiro de 1941, às missões diplomáticas no exterior, sobre a identificação dos judeus, com um trecho que merece ser citado: "para efeito de seleção (..) são Israelitas os descendentes dos filhos de Israel, não só os habitantes sionistas da Palestina, mas todos os israelitas disseminados pelo mundo. O fato de um Israelita professar o catolicismo ou outra qualquer crença que não seja a mosaica não modifica a condição do mesmo, que, para efeito da recusa do visto consular, será sempre considerado Israelita. É a etnia que deve prevalecer e não a circunstância do candidato ao visto consular abraçar alguma crença que não seja a mosaica".

Tal documento, de caráter antibrasileiro, anticristão e anti-humano, foi encontrado por Milgram no Arquivo Histórico do Itamaraty, Maço Nº 57.452. Só pode ser explicado pelo abismo em que caíra o mundo inteiro, e não apenas o Brasil, naquele Ano da Graça de 1941.

CONCEDER OU NÃO UM VISTO

Restava a implementação prática da quota dos 3.000, por meio da seleção dos refugiados e da concessão efetiva dos vistos, e é então que começa a parte ao mesmo tempo mais triste e mais nobre de nossa pequena história, porque saímos do campo da política e entramos no da consciência individual do funcionário diplomático. Com efeito, dos 3.000 vistos que poderiam ter sido concedidos, só 959 foram efetivamente entregues, entre 25 de março de 1940 e 5 de novembro de 1941, véspera da revogação da exceção para os católicos não-arianos protegidos pela Santa Sé.

Todos os 959 vistos efetivamente concedidos foram autorizados pela Embaixada em Roma, e concedidos em Roma mesmo (558 vistos), Antuérpia (194), Amsterdam (157) e Zurique (50). Entre os vistos

de Antuérpia, encontra-se o de um católico de ascendência judaica chamado Otto Karpsen, que no Brasil adotaria o nome de Otto Maria Carpeaux.

Por outro lado, da Embaixada em Berlim e do Consulado-Geral em Hamburgo, que estavam autorizados a conceder 2.000 vistos a católicos não-arianos alemães e eram alvos dos esforços incansáveis da Sociedade São Raphael, do Cardeal-Arcebispo de Munique, Dom Faulhaber, do Bispo de Osnabruck, Dom Berning, do Núncio em Berlim, Dom Orsenigo, além do próprio Cardeal Maglione, Secretário de Estado da Santa Sé, pois bem, de Berlim e Hamburgo não saiu nenhum visto.

A LISTA DE ACCIOLY

Como explicar essa discrepância? Milgram nota que as instruções emitidas pelo Itamaraty sobre a quota dos 3.000 "não anulavam as resoluções oficiais, porém possibilitavam contornar a situação. Foi por esta brecha que diplomatas mais liberais, ou comprometidos moralmente com a causa, legitimaram sua atitude nas instruções, como foi o caso do Embaixador Hildebrando Pinto Accioly, em Roma".

De acordo com a documentação pesquisada por Avraham Milgram, o Embaixador Accioly desdobrou-se ao máximo para favorecer os refugiados. Não apenas concedeu a quase totalidade de sua quota, mas também realizou gestões e apelos veementes junto à Secretaria de Estado para que lhe permitissem conceder os 41 vistos restantes, após a revogação da exceção; para que os vistos caducos fossem renovados; e para que os passageiros em trânsito com vistos expirados tivessem seu desembarque autorizado.

A "lista de Accioly", com 959 nomes, junto com um apelo urgente em favor dos refugiados, encontra-se no Ofício Nº 169 da Embaixada em Roma, de 28 de novembro de 1941, assinado pelo próprio Embaixador Accioly e reproduzido em fac-símile por Milgram.

Apesar de muitas de suas iniciativas terem fracassado, merece o Embaixador Accioly ser conhecido como o Schindler brasileiro. Até na quantidade de vidas salvas, da mesma ordem de grandeza, suas trajetórias foram semelhantes. Embora não se possa sequer comparar o nazismo com o Estado Novo, pode-se sim aproximar a forma como ambos, Accioly e Schindler, agindo no interior de um sistema que fabricava a exclusão, flexibilizaram ao máximo a letra dos regulamentos oficiais, para ajudar seres humanos que a eles se apegaram como o último recurso.

Que fique essa lição para nós, burocratas do Estado, sempre que recebermos ordens manifestamente injustas e contrárias à consciência civilizada.

O PREÇO DA VERGONHA

Assim como a lembrança da ação de Oskar Schindler deve ser motivo de alívio para a consciência de todo alemão, também a atuação de um homem justo como Hildebrando Accioly compensa um pouco a vergonha que sente todo brasileiro, especialmente o diplomata, ao tomar conhecimento da parte - sem dúvida secundaríssima - que o Estado brasileiro tomou na loucura totalitária e racista que assolou a humanidade dos anos 30 e 40. O sacrifício de nossos militares e marinheiros na Itália e no Atlântico, pouco tempo depois, também nos servirá de consolo.

Outros diplomatas brasileiros, em outros Postos e também na Secretaria de Estado, defrontados com situação idêntica, preferiram escudar-se na letra das resoluções do CIC e não aplicar as instruções favoráveis aos protegidos da Santa Sé, quando não defenderam posições ainda mais restritivas. Não convém citar seus nomes aqui.

CONCLUSÃO QUE LEVA EM CONTA O INTERESSE NACIONAL

Quando se analisa toda a questão da imigração judaica nos anos 30 e 40 de uma perspectiva contemporânea, é inevitável um sentimento de profunda tristeza ante o imenso desperdício de vidas e consciências humanas. Sem contar o aspecto humanitário, ou seja, o das vidas que teriam sido salvas do extermínio nazista - de longe o aspecto mais importante -, pode-se imaginar como teria sido benéfico para o Brasil, inclusive do ponto de vista do egoísmo nacional, adotar uma política um pouco mais liberal para com os refugiados judeus.

Teriam sido então mais milhares, ou dezenas de milhares, de profissionais liberais, pequenos empresários, intelectuais, artistas, artesãos e operários especializados (estas as categorias profissionais mais comuns entre os judeus da Europa Central) que ajudariam a construir a prosperidade do Brasil. Seriam hoje dezenas, ou até centenas de milhares, de famílias brasileiras, perfeitamente integradas no nosso meio social, cuja característica mais nobre e valiosa no mundo de hoje é justamente a generosidade com que acolhe o estrangeiro.

EPÍLOGO EM FORMA DE FLASH-BACK

Que diria de tudo isso o Padre Antônio Vieira, que no Século XVII denunciava, como causa do empobrecimento de Portugal, a repressão estúpida da Inquisição sobre os cristãos-novos (os "católicos não-arianos" da época)? Enquanto Portugal afundava numa decadência de trezentos anos, judeus portugueses, convertidos ou não, fugiam para ajudar a construir o capitalismo na França, Inglaterra, Holanda, América do Norte, Antilhas Holandesas (onde deixaram a marca da língua portuguesa no "papiamento" de Aruba e Curaçao) e até no Pernambuco de Maurício de Nassau.

É ainda fato comprovado que muitos cristãos-novos vieram procurar ares mais livres do lado de baixo do Equador, e ajudaram a construir a América Portuguesa, hoje conhecida como Brasil. Com o tempo, esqueceram as raízes judaicas e misturaram-se com a massa luso-africana-índia-brasileira ("inassimiláveis", não?). São nossos tataravôs. E dizer que tivemos, nos anos 30 e 40, uma oportunidade única - tal qual a História raramente concede às nações - de receber, quem sabe, muitos de nossos primos extraviados, que fugiram de Portugal na direção oposta... ◆

ALLEGRO MA NON TROPPO
A COPA DE 90

Appio Claudio Acquarone

Era Turim e não chovia. Depois de uma escala de dois dias em Milão, eu descia do trem em Porta Nuova para integrar a equipe do Escritório de Apoio ao torcedor, chefiado pelo Raul Campos e Castro, que havia trazido do Consulado-Geral na capital lombarda três de seus auxiliares. Com a Doraine, proveniente do ERERIO, éramos seis.

Tínhamos conseguido com a FIAT, ainda no Brasil, um escritório no centro da cidade, todo montado, um carro de serviço (o Tempra tinha acabado de ser lançado no mercado italiano), além de todo o apoio de que precisássemos, já que a empresa, praticamente senhora feudal da região (Fábrica Italiana Anonima Torino), fazia questão de bem receber os torcedores do Brasil, em cuja filial de Betim depositava sérias esperanças de também sério faturamento.

Comprovamos, nas visitas obrigatórias às autoridades turinenses com vistas a estabelecer previamente terreno cordial para os casos em que fosse necessária nossa intervenção, que não era só a FIAT que queria bem receber os brasileiros. Os dirigentes e povo da cidade estavam encantados com a perspectiva de não contarem com as hordes de *hooligans*, curioso termo utilizado para designar um processo biogenético de deterioração sócio-cultural no qual civilizados elegem a *porrada* como vetor de alegria esportiva. Ainda por cima, dois dos maiores exportadores do produto, Alemanha e Holanda, estavam sediados em Milão, onde se dedicavam a quebrar bares e saquear igrejas, numa reedição das estripulias de Alarico. No histórico da rivalidade milano-turinesa, era muita felicidade para os piemonteses.

E lá começavam a chegar os primeiros brasileiros, desfilando o canarinho das camisas entre as arcadas barrocas do "seicento" turinês, em particular "chiaroscuro". Não existe melhor oportunidade para treinar a habilidade de reconhecer, à distância, o cidadão brasileiro no exterior do que em uma Copa do Mundo de Futebol. Geralmente roliços, em grupos cujo número de participantes condiciona o volume em que se devem comunicar: quanto mais participantes, mais alto falam. Ainda no campo da comunicação, há uma crença, cujo início se perde na neblina do tempo, que se o idioma pátrio for falado bem escandido e tronitoante, dá-se o fenômeno da compreensão universal imediata. O que basta para nossos nacionais considerarem cumprida a primeira rodada técnica de negociação e enveredarem pelas cenas de camaradagem explícita, com exposições frontais de simpatia física. Nesses setor, devemos confessar, somos imbatíveis.

Nosso trabalho se dividia entre a assistência consular, em sua concepção clássica, isto é, reposição de documentos de viagem (geralmente perdidos dentro de bolsa de mão em que se comprimiam os papéis pessoais essenciais à viagem do cidadão, como talão de cheques de sua conta no Brasil, recibo do IPVA de seu carro, ou o original do CPF), o setor de informações gerais, e o de contatos com autoridades locais. Houve somente um caso de desaparecimento, de um senhor, pai de influente deputado federal, que havia chegado com dois amigos para assistir aos jogos, e que tinha se desmaterializado logo após a primeira partida. Conferia ao ocorrido um tempero especial o fato de seu filho, o parlamentar, encontrar-se em Turim na comitiva do Presidente Collor, convidado por Gianni Agnelli. Mas, tudo bem, o distinto reapareceu em meio à operação de resgate, coreografada com especial maestria por várias patrulhas de "carabineri", simplesmente comparecendo ao Escritório de Apoio para agradecer a atenção, desnecessária, segundo ele, por ter somente sucumbido aos chamados do coração, sem ter tido tempo para avisar aos amigos, sentados em outra seção do Estádio delle Alpi. Portanto, "gente boa".

O que despertou maior interesse, e muito já se escreveu a respeito, de formas das mais variadas (há cronistas que exageram nos detalhes, outros

meramente registram que tal fato jamais existiu. Pretendo simplesmente dar a minha versão, que se não absolutamente verdadeira em sua totalidade, é "bene trovatta"), foi o que se convencionou chamar de o Caso do Trio Elétrico. Sim, o mesmo. Estava eu na minha sala no Escritório quando entra a recepcionista, com olhar esgazeado, a dizer-me que um brasileiro me procurava. Estranhei-lhe a expressão facial, que se tornou mais tortuosa quando disse-lhe que fizesse entrar o cavalheiro. Após alguns momentos de conscienciosa hesitação, acedeu, grave, e abriu a porta para introduzir mais do que uma pessoa, um personagem.

Era um sujeito hermeticamente magro, com uma camisa do Corintians que lhe pendia dos ombros esqueléticos como buja em calmaria, um penteado *black power* que lhe ultrapassava a largura do corpo, e, como a coroar, um único dente a reluzir. Perguntei-lhe o que poderia fazer para ajudá-lo, já a imaginar que pepino, abacaxi ou outro hortifruti-granjeiro me traria a figura. Abriu a boca e começou a narrar sua estória em linguajar quase dialetal, entrecortado por um gesto em que se unem as pontas dos dedos da mão e se as solta decima para baixo, provocando um estalo, com a nítida intenção de exprimir ênfase, e que se completa com a interjeição "ó".

- "Aí, Doutor, seguinte, nóis trouxe um Trio Elétrico junto com uns caras pra nóis, ó, incendiar esse povo daqui". Refeito, aos poucos fui recebendo informações sobre como um Trio Elétrico teria atingido o Piemonte para incendiar o povo dali. Soube que determinada empresa brasileira produtora de embutidos havia contratado alguns líderes de torcida de São Paulo e o referido caminhão repleto de alto-falantes, que embarcado em Santos e aportado em Gênova, teria alcançado a região turinesa aonde menos seus habitantes esperavam, abatendo-se sobre a retaguarda das legiões como os elefantes de Anibal Barca. Ao perguntar-lhe onde se encontrava o citado carro de assalto, respondeu-me apontando da janela para um outrora pacífico canto da Piazza Solferino: "ali, ó". "Agora, nóis só quer saber onde nóis pode ligá os fio, e ó, ó, ó" repetia com o correspondente estalar de dedos.

"Refeito, aos poucos fui recebendo informações sobre como um Trio Elétrico teria atingido o Piemonte para incendiar o povo dali."

Sem querer acusar recebimento do perigo da situação, ponderei que melhor seria o Escritório solicitasse a inscrição do espetáculo na programação de eventos organizada pela prefeitura, na qual estavam listados vários grupos folclóricos oriundos de países representados no campeonato. Na contra-argumentação que se seguiu, salpicada de "ó" e estalos, nosso conterrâneo, afirmou que "esses italiano num vão resisti", o que para mim não configurava novidade. Aos poucos, porém , foi concordando que melhor seria um contato prévio com as autoridades municipais, que, compreensivas com a alegria sadia demonstrada pelos nossos compatriotas, encaixaram o Trio Elétrico em um programa tipo noite de terça-feira. Estávamos em uma sexta, e imagino como aqueles quatro dias deviam ter demorado para passar para a tripulação do comboio da vitória, a passear sua melancolia vestida de amarelo-ouro pela antiga Augusta Taurinorum.

A Piazza San Carlo sempre foi, desde 1678 quando terminou a construção da igreja de Santa Cristina, o local clássico de encontro dos cosmopolitas turineses, sob olhar pétreo da estátua eqüestre de Emmanuelle-Philiberto de Savóia, vencedor dos franceses em 1557, vitória que lhe possibilitou recuperar seus Estados pelo Tratado de Cateau-Cambrésis, dois anos depois. Em 1990, agrupava cafés elegantes, livrarias, antiquários e sedes de bancos a ocupar os *palazzi* barrocos. E naquela inesquecível terça-feira, enquanto se exibiam folclores diversos e maçantes no centro da praça, e a família turinesa se acomodava ordeira nas mesas dos cafés, podia se divisar um Trio Elétrico, discreto como uma catapulta, a esperar, severo, a sua vez.

Que chegou. E nada de parecido havia ribombado naquelas paredes como o berro dos alto-falantes ao ser posta em funcionamento aquela formidável máquina de guerra sonora, cuja carga de decibéis, na afirmação de observadores mais técnicos, atingira 7,5 graus na escala Richter. Eram crianças procurando abrigo, alarmes de bancos em jovial disparada, policiais atônitos, sacerdotes a ministrar sacramentos, garçons espavoridos, e o comandante da nave, a estalar os dedos, liderando o ataque de mulatas e sambistas aos bastiões da ordem estabelecida". - Não é possível, gritavam uns. - Como deixaram acontecer? "perguntavam-se outros". - "Algo tem que ser feito", exigiam alguns outros. - "Isto tem que acabar", bramiam os últimos. E lá foi o Escritório de Apoio gestionar.

O resultado? Era hecatombe elétrica toda noite ao sopé de Emmanuelle-Philiberto, com a participação das alas locais e visitantes, em que conviviam suecos, escoceses, costarriquenhos (nossos companheiros de chave), bem como turistas sortidos, aquela "gente boa" do Norte da Itália, todos comandados pelo bravo corintiano de um só dente, "ó", que já se sentia mais piemontês do que a trufa branca.

Até que um passe de Maradona para Caniggia abafou o Trio Elétrico, e pela primeira vez naquele junho desceu uma bruma dos Alpes sobre a Piazza San Carlo. Dizem que naquela noite persistia um somzinho, meio no estilo Nino Rota, que saía do caminhão.

E que o nosso herói ainda passou algum tempo em Turim. ◆

Para os leitores que porventura não tenham localizado de imediato em OS LUSÍADAS a frase da capa do último Boletim, transcreve-se a seguir o Canto III - 138:

Do justo e duro Pedro nasce o brando
(Vêde da natureza o desconcerto)!
Remisso e sem cuidado algum, Fernando,
Que todo Reino pôs em muito aperto;
Que, vindo o castelhano devastando
As terras sem defesa, esteve perto
De destruir-se o Reino totalmente;
Que um fraco Rei faz fraca a forte gente.

• • • • • • • • • • • • • • • • • •

Solicita-se aos novos Terceiros Secretários, associados da ADB, que entrem em contato com a Secretaria (Anexo I, térreo, ramal 6950) para que seja providenciada a atualização dos seguintes dados cadastrais: novas lotações e autorização para desconto da contribuição para a Associação.

• • • • • • • • • • • • • • • • • •

FOTOS DO BARÃO ACHADAS NO MAR

O Sr. Ramiro Machado Filho, auxiliar de escritório do late Clube Icaraí, surpreendeu-se ao encontrar no mar, na Praia de Charitas, dois álbuns com fotos e textos relativos ao Barão do Rio Branco. Buscando encontrar o dono do material, contactou o jornal "O Fluminense" que noticiou o achado em matéria assinada por Rosana Melo, a qual, por coincidência, havia sido jornalista setorista do Itamaraty por três anos.

As capas dos álbuns, com desenhos coloridos do Monte Fuji, estavam completamente encharcadas com água salgada. As 26 folhas plastificadas preservaram bem as fotos e textos. As fotografias são reproduções sem qualquer valor comercial ou documental. Por outro lado, os textos datilografados revelam o trabalho de pesquisador cuidadoso. Provavelmente os dois álbuns foram roubados e, ao constatar o ladrão, que não possuíam valor comercial, foram jogados na Bahia de Guanabara.

O proprietário poderá dirigir-se a Sra. Maria Marlene de Souza, chefe da Mapoteca, pelos telefones (021) 253-8516 e 263-9069.

ENTRELINHAS

Uma segunda coincidência nesta estória: o material foi achado em Charitas, praia não muito distante de Icaraí de onde se descortina a bonita pedra de Itapuca, vista famosa que decorava o "ex-libris" do Barão!

• • • • • • • • • • • • • • • • • •

Pedido de informação: Será que algum dos "Veteranos" poderia nos contar qual a estória por trás de um romance intitulado **O Embaixador Fagundes. Scenas da vida política e diplomática**, publicado em 1929 por "um addido de Embaixada"? No fichário da Biblioteca do Itamaraty, o livro está atribuído a Rubens Ferreira de Mello, colega de ilustre carreira.

• • • • • • • • • • • • • • • • • •

Está sendo iniciada a distribuição das carteiras de identificação para os membros da ADB, com as quais já é possível obter descontos nas compras em várias lojas. Nos vindouros boletins serão anunciados os estabelecimentos comerciais, em Brasília e em outras cidades, que oferecem tais vantagens aos diplomatas.

• • • • • • • • • • • • • • • • • •

O Boletim da ADB continua aguardando a contribuição sob forma de cartas, artigos ou notas de todos os colegas no Fax (061) 322-0504. Em especial, desejaríamos receber suas "Crônicas Consulares".

• • • • • • • • • • • • • • • • • •

Em 18 de outubro cumpriu 97 (confirmando, noventa e sete) anos o mais "antigo" dos colegas. O "decano" Embaixador Affonso Barbosa de Almeida Portugal esteve no Itamaraty desde 1916 até sua aposentadoria em 1962. Nesta carreira de quase meio século serviu em Viena, Bruxelas, Tóquio (duas vezes), Los Angeles, México, Tegucigalpa e Montevidéu. Foi Chefe de Missão em Manágua, Copenhague, Quito e Camberra. Vive em apartamento na Rua José Linhares no Rio de Janeiro, gozando de perfeita lucidez e de perfeitíssima memória.

A ADB apresenta a sua homenagem ao decano por ocasião do aniversário e reitera os votos de que continue, por muitos e muitos anos, a ler o nosso Boletim sem necessitar da ajuda de óculos.

• • • • • • • • • • • • • • • • • •

A ADB publicará, já agora em forma de encarte do Boletim, lista de endereços e telefones domiciliares dos diplomatas aposentados. Caso algum colega prefira que seu endereço ou telefone não seja divulgado, favor informar à Secretaria da ADB (fones: (061) 211-6950 e (061) 224-8022 e FAX: (061) 322-0504)

• • • • • • • • • • • • • • • • • •

Lamentamos informar o falecimento no Rio de Janeiro, dia 24/X/94, do colega e associado Miguel Paulo José Maria da Silva Paranhos do Rio-Branco.

O NAVIO-ESCOLA "BRASIL"

Ao CMG Aurélio
e aos meus companheiros de camarote,
Ten. Marlburg e Dr. Délio.

Ademar Seabra da Cruz Júnior

Todos os anos a Marinha realiza viagem de instrução dos cadetes recém-formados na Escola Naval, os "Guarda-Marinhas", Segundos-Tenentes que aprendem, na prática e "in loco" operações de guerra, técnicas de navegação (astronômica e por instrumentos), hidrografia, cerimonial e protocolo, e, sobretudo, as rotinas operacionais da Marinha quando em missão no mar, antes de escolherem as bases (Rio, Salvador, Natal, Rio Grande, Ladário, etc.) e os setores em que desempenharão suas atividades (a esquadra, no Rio de Janeiro, a Diretoria de Hidrografia e Navegação, a força de submarinos, etc.).

Por se tratar de uma viagem em que usualmente o Comandante mantém contatos de alto nível com autoridades nos portos onde o Navio "fundeia", quase sempre com os Embaixadores do Brasil e com autoridades políticas e navais do país, o Ministério da Marinha solicita ao Itamaraty que designe diplomatas para acompanhar a viagem, que conta ainda com representantes do Exército, da Aeronáutica e da Armada de outros países, sobretudo latino-americanos, recém-egressos das respectivas escolas navais.

A cada ano, quatro terceiros-secretários dividem entre si o percurso do Navio. Este ano, o Secretário Everton Lucero, da SEI, embarcou em Salvador e desembarcou em Civitavecchia; o Secretário Marcos Arbizu, da DMAE, que serve de elo entre o Itamaraty e a Marinha, "suspendeu" nessa cidade e terminou sua missão em Kiel, na Alemanha; o Secretário Pedro Murilo, da DEOP, enfrentou a longa travessia do Atlântico entre Kiel e Baltimore, tendo desembarcado em Cartagena. A mim coube a quase circunavegação da América do Sul, até Buenos Aires.

Há outra razão, no entanto, que sugere o interesse da Marinha pelo nosso Ministério: por se tratarem de instituições com tradicional padrão de excelência no serviço público, procuram promover o intercâmbio e disseminar a cultura, os valores e a experiência de ambos os Ministérios entre os quadros que os compõem. Dessa circunstância deriva o fato de o Itamaraty estar presente justamente no "batismo" dos oficiais, em sua primeira viagem profissional.

A Marinha dispõe de um quotidiano bastante ritualizado, sobretudo em atividades no mar. Embora do diplomata não se espere o cumprimento de todas as rotinas cumpridas pelos oficiais, já que não exerce função definida no Navio em alto mar, via de regra procuramos nos inserir o mais rapidamente e da melhor forma possível num mundo bastante diferente do nosso, das Divisões, Departamentos e Secretarias do Itamaraty.

Quando o navio está em viagem - pode haver percursos de treze dias seguidos no mar - a rotina inclui alvorada às 6:30, exercícios de tiro - de pistola, fuzil e canhão, em águas internacionais - simulação de colisões e de abandono, palestras para oficiais (as "paredes"), palestras para os Guarda-Marinhas e as missas do Capelão. Inclui ainda horários rígidos para as refeições, repouso nos camarotes e, quando o tempo e o mar permitem, inevitáveis passeios por lugares de nomes sonoros e complicados, como o *convôo*, o *porta ló*, o *passadiço* e a *praça d'armas*, câmara do navio onde se reúnem os oficiais para "ranchar" e buscar diversão, como assistir a filmes em vídeo, ouvir música ou simplesmente ler. O Navio dispõe, dentre outras facilidades, de auditório para cerca de trezentos lugares, e, como se trata de um "Navio Escola", de algumas salas de aula. De quando em vez, a praça d'armas abriga pequenas cerimônias de recepção, despedidas, comemorações de aniversários e homenagens, das quais o representante do Itamaraty é sempre alvo.

Um estereótipo muito difundido sobre a Marinha, e sobre as Forças Armadas de modo geral, de que o militar não discute, não se interessa e não

admite a pluralidade política, revelou-se inteiramente falso durante a viagem: além de mostrar vivo interesse pelas conjunturas e pela história econômica, política e social do Brasil, bem como pela situação política internacional, a tripulação dedicava-se a animados debates sobre todo e qualquer tema político da atualidade, em que todas as tendências políticas e ideológicas estiveram sempre representadas. No fim, apenas dois temas pareciam recolher opiniões unânimes entre a tripulação: a necessidade de reprimir mais eficazmente a criminalidade urbana e o descontentamento com o baixo nível dos soldos, tema sobre o qual tive, por várias vezes, oportunidade de manifestar-me, desfazendo lugares-comuns de abastança salarial dos funcionários do Itamaraty, que povoam também o imaginário de nossos colegas nas Forças Armadas. Assim, o que se vê é uma atitude de total respeito e acatamento de opiniões divergentes, ainda que transpareçam manifestações de inconformismo com a impunidade dos que se utilizam da política em proveito próprio.

O Itamaraty desfruta de grande respeito e admiração perante a tripulação do NE "Brasil". A despeito de divergir quanto a algumas posições da nossa diplomacia, tem plena confiança na atuação do Ministério na defesa dos interesses nacionais. Esse interesse e esse respeito denotam-se pela grande curiosidade que demonstra sobre o funcionamento da Instituição, suas práticas e rotinas administrativas, sobre o perfil e a formação do diplomata, sua atuação profissional, seus valores e sua história.Apesar da rigidez dos valores hierárquicos, eles raramente se manifestam ostensivamente nas relações pessoais, cedendo lugar a um ambiente de cooperação e camaradagem, o que é perfeitamente compreensível, pois as pessoas têm de compartilhar entre si todos os instantes do seu cotidiano por mais de seis meses, num espaço equivalente a cerca de dois andares do anexo I do Itamaraty.

Nos primeiros dias, de Cartagena à travessia do Canal do Panamá, a adaptação parecia improvável: sensações de claustrofobia. o rancho farto mas pesado, as náuseas de marinheiro de primeira viagem, o contínuo ranger dos metais, o violento abrir e fechar de gavetas e armários, a rotina inflexível. Atrapalhava-me com as patentes e não decifrava a gíria incompreensível: "suspenderemos amanhã"; "preparar destaque especial para o mar"; "é melhor falar com o Cheop ou com o Cheint"; "teremos de modificar a derrota", e assim sucessivamente. Embaralhava-me sobretudo com a inabilidade parva para os jogos de bordo, que fui superando à medida em que a integração com o novo mundo foi-se tornando possível.

Chamou-me muito a atenção um fato prosaico, banal, mas revelador do espírito de solidariedade que integra a cultura da Marinha: um albatroz desorientado chocou-se com a torre da vigia e foi imediatamente recolhido por marinheiros para uma câmara perto do passadiço, onde teve tratamento VIP. Por mais de quatro dias, do Estreito de Magalhães até a chegada em Buenos Aires, quando um zoólogo veio a bordo, o bicho teve do bom e do melhor, fato que inevitavelmente suscitou comparações com minha própria situação. Enquanto singrávamos lentamente as águas do Rio da Prata, por conta dos perigosos depósitos de sedimentos que se formam no fundo do rio, e a cidade de Buenos Aires ia surgindo no horizonte, conjecturava sobre minha sorte por ter vivido aquela experiência. Saía, certamente, mais "safo" para a vida paisana, após ter integrado, ainda que por poucas semanas, o quadro de oficiais do "NE Brasil". ◆

Duas figuras familiares numa paisagem vigiada

(Cena do Ódromo)

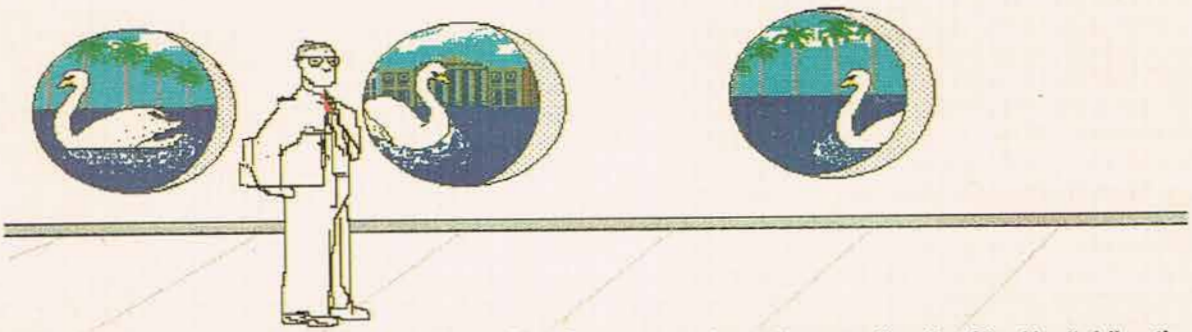


Ilustração Francisco Cannabrava

Vinham em direções contrárias. Ela, do Bolo. Ele, da Secretaria-Geral.

Senhora alta, tendendo à corpulência, espirando bom e tradicional perfume francês, ela pára e lança a frase, decidida e firme, com um quê autoritário:

- Não reconhece mais os amigos?

Ele também pára. Ergue os olhos. É um triste. Enrugado, meio encurvado, meio torto para um lado, o pouco garbo investido na cabeleira branca, vasta e ondulada.

Os olhares se cruzam. Perplexidade nos dele. E então:

- Oh!...

Assim mesmo, "Oh!. A interjeição que exprime espanto, surpresa, alegria, admiração e "outras impressões vivas ou súbitas", como diz o Aurélio. Um "oh" antigo e sentido, profundo e demorado, que não se ouve mais hoje em dia a não ser nos palcos, pronunciado por raros bons atores. Um "oh" de personagem de Joaquim Manuel de Macedo, de Alencar.

Os olhos que o arquiteto abriu nas paredes do ódromo, também eles outros "ohs", estes sem agás, ecoam a emoção em silêncio totêmico, e assistem o abraço e o carinho, indiferentes como sempre, na vigilância dos olhos dos cisnes. ◆

ALCIDES G.R.PRATES

O Engenheiro Guilherme Pfisterer, Gerente de Divisão do BNDESPAR, como voluntário do Grupo de Amigos do Museu Histórico Nacional, há 7 anos supervisiona a "reconstrução" do carro Protos *que pertenceu ao Barão do Rio-Branco. A recompensa almejada pelo Engenheiro Guilherme Pfisterer é simples: poder dirigir o* Protos. *Quem sabe se este "passeio" possa já ocorrer em 20 de abril vindouro, sesquicentenário do nascimento do Barão? Nesta ocasião, talvez o* Protos *volte a transportar um Presiente da República, o qual viria do Alvorada até o Itamaraty para participar das celebrações do Dia do Diplomata.*

O Automóvel do Barão

O Presidente Afonso Penna (de costas com cartola, embarcando no Protos). Foto de A. Malta, 1908, gentilmente cedida pelo museu da imagem e do som - RJ.

Guilherme Pfisterer

Após a morte do Barão do Rio Branco, foram encontrados sobre a sua mesa de trabalho, no Palácio Itamaraty, vários relógios de bolso esquecidos em meio a enormes pilhas de mapas e de processos. Por esta razão, durante a restauração do seu automóvel, esperava-se encontrar algum objeto pessoal ainda mais revelador da curiosa personalidade do Ministro. A expectativa não foi em vão. Foram encontrados sugestivos confetes - muitos confetes!

Teria o Barão sido alvo destes confetes? Esta e outras perguntas surgem na medida em que o "Projeto Protos" avança na direção do seu objetivo; a completa restauração do automóvel Protos, modelo 17/35 PS, Landaulet, ano 1908, que serviu ao Barão, no Ministério das Relações Exteriores, de 1908 até 1912.

Tudo começou em 1987, quando o Museu Histórico Nacional (MHN) elaborava um projeto de restauração da sua coleção de transportes terrestres, composta por diversas carruagens e pelo Protos. O Museu pretende apresentar ao público a evolução dos veículos através da História do Brasil. Um amigo, sabendo da minha paixão por automóveis antigos, falou-me do projeto e fui conhecer o veículo.

O Protos, apesar de seu precário estado de conservação, encontrava-se bastante original, o que é pouco comum em automóveis de sua idade. Ao sugerir à Direção do Museu que iniciasse a restauração do valioso acervo pelo Protos, passei, imediatamente, a ajudar nas pesquisas e, quando me dei conta, tinha assumido de corpo e alma a coordenação do projeto.

Logo percebi o alto grau de dificuldade da empreitada. Trata-se de uma marca rara de automóvel, de fabricação alemã, da qual só restou um exemplar no mundo, exposto no Deutsches Museum, em Munique, Alemanha, além do pertencente ao MHN. A literatura sobre o Protos é quase inexistente e o que existe está escrito em alemão arcaico!

Entretanto, o desejo de ver o Protos ser reapresentado ao público em perfeitas condições e a possibilidade de dirigí-lo em eventos especiais, ajudaram-me a enfrentar o desafio. Engrenei uma marcha e "pisei fundo". Sete anos depois, após muitas curvas fechadas, ladeiras íngremes, diversos acidentes de percurso, mas, também, de muitas alegrias e novos amigos, estamos quase chegando à reta final, que, espero, seja a que liga o Palácio da Alvorada ao do Itamaraty, em Brasília, no próximo dia 20 de abril.

O ponto de partida desta exaustiva pesquisa "arqueológica" foi a informação de que o Protos pertencera ao Barão, que o importara da Alemanha para recepcionar S.M. El-Rei Dom Manuel II, de Portugal, durante a Exposição Nacional de 1908, comemorativa do centenário da Abertura dos Portos.

No entanto, para realizar a restauração de objeto tão raro é preciso conhecer, com profundidade, não só os aspectos históricos mas, também, os dados técnicos do veículo. No Palácio do Itamaraty, encontrei os telegramas do Barão ao Cônsul Geral em Berlim tratando do processo de compra do automóvel, e, no Museu da Polícia Militar do Rio de Janeiro, as informações sobre o destino do veículo até chegar ao MHN, em 1925.

Para as informações a respeito do fabricante, procurei ajuda junto ao Adido Cultural do Consulado Geral da Alemanha que, com a conhecida eficácia teutônica, em poucos dias me forneceu um histórico completo da marca e apoio na sua restauração, o qual se materializou por meio de diversos contatos com empresas e instituições alemãs, que muito ajudaram o projeto.

O Consulado Geral da Alemanha e a Lufthansa me proporcionaram uma viagem a Munique para conhecer o Protos do Deutsches Museum, que, por uma grata coincidência, também é um modelo 17/35 PS, de 1908. Conhecer este veículo, que tem a parte mecânica muito semelhante ao Protos do Barão, foi fundamental para saber o que era preciso fazer, e como, para iniciar a restauração.

Entusiasmado com o volume de informações obtidas nos antigos livros sobre automobilismo da biblioteca do museu alemão e com as diversas fotografias e anotações efetuadas, imaginei que tinha conseguido superar a etapa mais difícil do projeto e que, munido de tantos dados, obter patrocínio para a restauração seria fácil. Ledo engano!

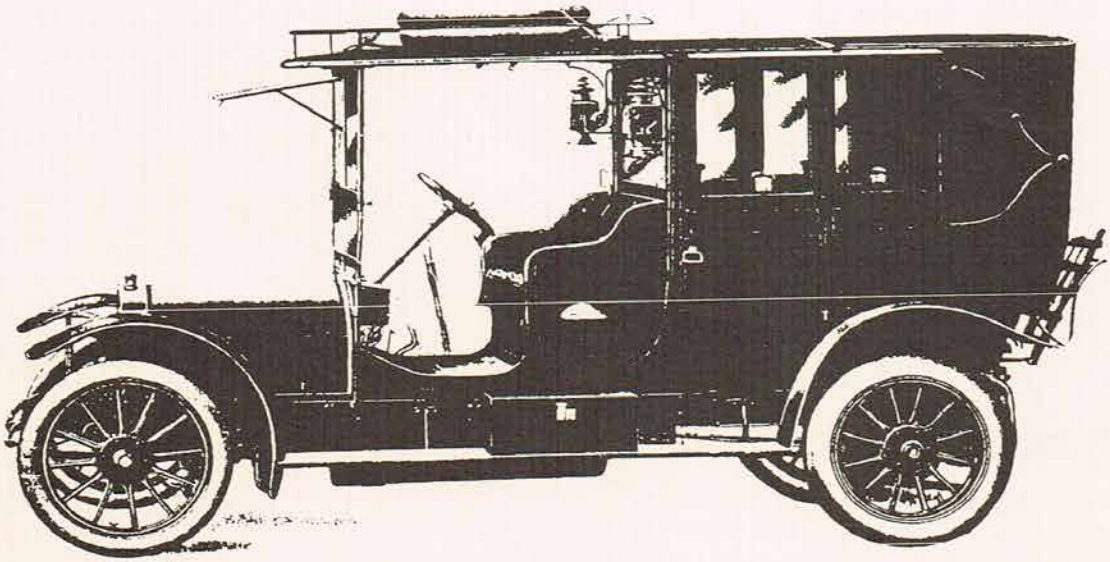
Ao perceber que nenhuma empresa teria interesse em patrocinar a completa restauração do Protos, mudei de estratégia. Passei a procurar empresas que se dispusessem a ajudar com partes específicas do veículo, tais como: pneus, suspensão, motor, etc.

E deu certo! A Michelin gostou do projeto e forneceu novos pneus, fabricados na França, iguais aos originais, e restaurou as rodas e parte da suspensão, na fábrica do Rio de Janeiro. A Bosch também decidiu apoiar o projeto, oferecendo arcar com os custos da restauração do motor. Mal acreditando na seqüência favorável de fatos, respirei fundo, solicitei e consegui o apoio da Mercedes-Benz para fazer o serviço mecânico para a Bosch, na sua oficina de veículos, em São Paulo. O Protos foi, então, cuidadosamente transportado do MHN para São Paulo com o seguro rodoviário oferecido pela Real Seguros.

Animado com a solução encontrada, propus à Mercedes-Benz a restauração das demais partes mecânicas do Protos com o apoio da Metal Leve, da Cofap, e da Fabrine, que forneceram peças para o motor e para a suspensão. A oficina da Mercedes-Benz passou então a concentrar todos os serviços mecânicos da restauração, que estão sendo - primorosamente - realizados e deverão ficar prontos até o final deste ano.

Mas nem tudo são flores. Faltava ao motor um magneto-distribuidor Bosch, o coração do sistema de ignição. No Brasil, foi impossível encontrá-lo. Resolvi então apelar para o Deutsches Museum, que possui um grande acervo de peças de automóveis antigos. O MHN formalizou o pedido de doação da peça e o Deutsches Museum pediu em troca um raríssimo mineral brasileiro. Como o MHN não possui minerais em seu acervo, foi preciso contar com o patrocínio do Museu Amsterdam Sauer, que, depois de muitos meses de procura, conseguiu achar um exemplar do mineral, numa mina perdida em pleno Triângulo

MOTOREN-FABRIK „PROTOS" G. M. B. H., BERLIN-REINICKENDORF



17/35 PS „PROTOS" Landaulet

Mineiro. Com a ajuda de amigos e do Cônsul Geral do Brasil em Munique, finalmente o mineral foi trocado pelo magneto no Deutsches Museum.

Enquanto os serviços da parte mecânica se desenvolviam, era preciso encontrar uma solução para a restauração da carroceria do Protos. Toda construída em madeira, couro e tecido, esta se encontrava bastante danificada pela ação dos cupins, que devoraram diversas peças estruturais, fazendo que corresse o risco de vir a desmontar completamente.

Procurei para a reforma da carroceria uma oficina de automóveis antigos com comprovada competência e que ainda se dispusesse a fornecer ao MHN uma estimativa do custo do serviço. Na R & E Restaurações, de São Paulo, e com o apoio de novos patrocinadores, iniciamos a reforma da carroceria. A ajuda com materiais veio da Tintas Renner e do Curtume Carioca, e com recursos financeiros, do Sr. Ruprecht von Siemens (patrocinador pessoa física), da Siemens (empresa) e da Ceras Johnson.

Quando a restauração da carroceria foi iniciada, verificou-se que o seu estado era ainda pior do que aparentava. Era necessário construir uma nova estrutura de madeira exatamente igual à antiga, para poder encaixar as partes originais que apresentam alguma condição de serem recuperadas. Foi nesta etapa do processo que os tais confetes foram achados, preservados pelo tempo, apesar da devastadora ação dos cupins na madeira da carroceria - com essa o Barão não contava...

Neste momento, falta pouco para o Protos poder ser apresentado ao público. Com mais R$ 30.000,00, será possível concluir os serviços de madeiramento, pintura, estofamento, lanternagem e acabamentos. Espero contar com o apoio de empresas (e de pessoas físicas) como as que já estão patrocinando o projeto. Todos, por coincidência ou não, empresas sólidas, algumas centenárias que acreditam em projetos de longo prazo, mas que nem por isso demorarão a ver o retorno do investimento.

O MHN retribuirá aos patrocinadores oferecendo os benefícios fiscais da Lei Rouanet, da divulgação do projeto na mídia, e na apresentação do Protos ao público, por muitas e muitas décadas.

A Corrida New York - Paris de 1908

Em 1908, o jornal francês Le Matin organizou a maior e mais difícil corrida automobilística até hoje realizada - a volta ao mundo, de Nova Iorque a Paris - a corrida do século.

O roteiro original da corrida, que tinha que ser mais ousado do que o Paris - Pequim, disputado no ano anterior, previa nada menos do que atravessar a América do Norte, subir ao norte pelo Canadá até o Alaska, atravessar para a Ásia pela camada de gelo que cobre o Estreito de Bering durante o inverno, seguir pelas vastas extensões da Sibéria e Rússia até a Europa e chegar a Paris após a conclusão de mais de 21.000 Km de percurso.

Esta legendária corrida foi disputada por apenas seis competidores: O Protos, modelo 17/35 PS, representando a Alemanha, o Thomas - Flyer, K-6-70, os Estados Unidos, o Bruxia - Zust, a Itália, e os três carros da França, o De Dion - Bouton, o Motobloc, e o Sizaire - Naudin. O maior de todos os carros era o Protos, que tinha o patrocínio do Kaiser Wilhelm II e uma tripulação militar comandada pelo Tenente Hans Koppen. O mais equipado era o De Dion - Bouton,

Protos 1908 - 17/35PS, Deutsches Museum, Munique, Alemanha
Foto: Guilherme Pfisterer

com pneus esquis e rodas especiais para andar nos trilhos dos trens e até um mastro com vela para aproveitar o vento. O Thomas - Flyer mostrava-se o mais prático: era um carro ao mesmo tempo forte e leve, com poucos equipamentos e duas grandes pranchas de madeira sobre os pára-lamas para servir de ponte em trechos mais difíceis.

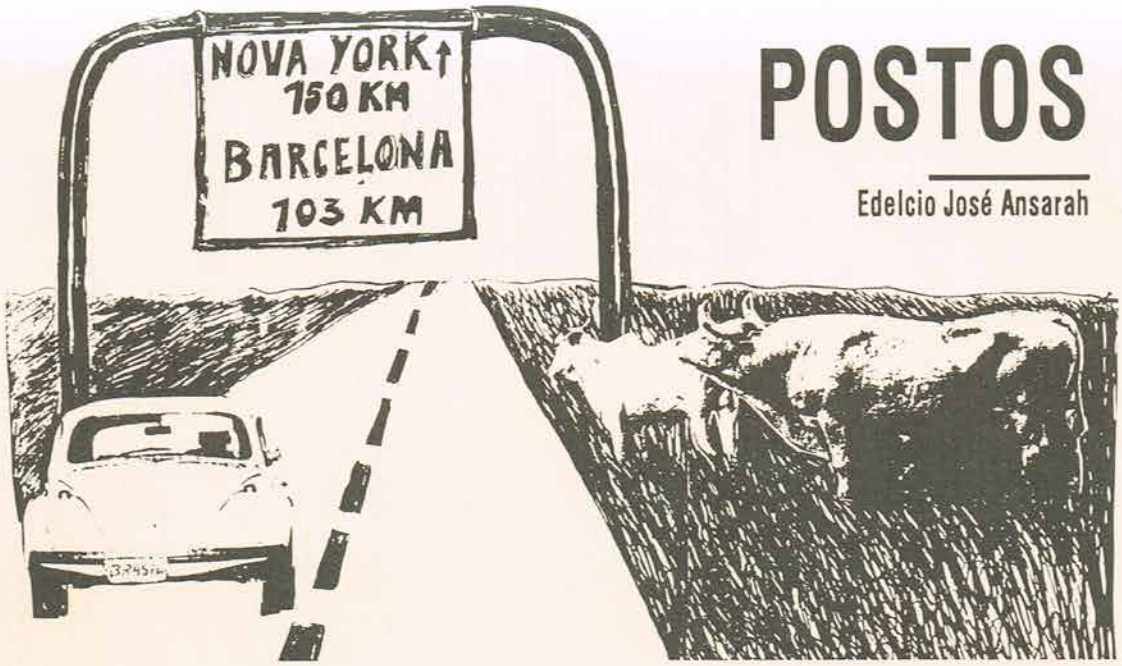
A largada ocorreu na manhã de 12 de fevereiro, em meio a um dos mais rigorosos invernos da época, diante de mais de 200.000 pessoas, que se aglomeraram na Times Square, em Nova Iorque. E a primeira mudança de rota veio em Pocatello - Idaho, já próximo à costa oeste americana, quando as péssimas condições meteorológicas levaram os organizadores da prova a cancelar a parte canadense da corrida. Os carros seguiram para São Francisco, onde deveriam tomar um navio até Valdez, no Alaska, retomando o roteiro original para a travessia do Estreito de Bering.

Mas só o Thomas - Flyer, que atravessou os Estados Unidos em primeiro lugar, fez a viagem de navio para Valdez. Os demais, avisados por este da impossibilidade de continuarem a corrida pelo Alaska, aguardaram em São Francisco uma nova reformulação da rota. Esse contratempo permitiu ao Protos, que estava para abandonar a corrida devido a um grave problema mecânico, programar o seu reparo em Vladivostok, na Rússia, e ser readmitido na corrida, ainda que apenas como participante. Os franceses Sizaire - Naudin e Motobloc, no entanto, já haviam abandonado a prova ao longo da travessia da etapa americana.

A nova etapa programada pelos organizadores foi realizada nas estreitas trilhas do Japão, que mal davam passagem para as pequenas carroças dos agricultores japoneses. Esta etapa não contou com a participação do Protos, que teve que seguir diretamente para Vladivostok, onde já era aguardado por uma equipe de mecânicos e grande estoque de peças enviadas pela fábrica. Chegando lá, a parte mecânica foi totalmente reconstruída e a carroceria reduzida ao mínimo necessário para aliviar o peso, deixando o Protos em perfeitas condições para acompanhar a corrida até Paris.

Devido aos inúmeros problemas ocorridos durante o percurso e o abandono de quatro competidores (Protos, Sizaire - Naudin e Motobloc, por problemas mecânicos, e o De Bion - Bouton, por ter sido vendido pelo dono da fábrica a um magnata chinês, logo que o carro chegou a Vladivostok), os organizadores resolveram aceitar a volta do Protos à competição, porém com uma penalidade de sete dias por não ter participado da etapa japonesa. Ao mesmo tempo, deram uma vantagem de vinte e três dias ao Thomas - Flyer pelo tempo perdido na ida e volta a Valdez.

A partir de Vladivostok, travou-se um verdadeiro duelo entre o carro alemão e o americano, alternando-se, várias vezes, a liderança da prova. Mas, aos poucos, o Protos foi se afirmando na dianteira e chegou em primeiro lugar a Moscou, sendo recebido com grande festa e ganhando um prêmio especial para esta etapa. O mesmo ocorreu em Berlim, onde foi ovacionado pelos seus conterrâneos em delírio e acompanhado por bandas militares enquanto passava pelas ruas da cidade. Em 26 de julho, 165 dias depois da largada em Nova Iorque, o Protos entrava em Paris, reivindicando a vitória. Os organizadores, no entanto, deram o primeiro lugar ao Thomas - Flyer, que chegou quatro dias mais tarde. ❖



POSTOS

Edelcio José Ansarah

Ilustração: Vivian Sanmartin

Ao ler em um dos últimos números do Boletim da ADB, o pedido para que os associados se pronunciassem a respeito da classificação de postos, lembrei-me de uma conversa que tive uma vez, à hora do almoço, com o Paulo Pacheco, agora em Nova York (MA), com o Marcelo Dantas, que atualmente reside próximo a Marilândia (ES), e com Noemia Wainer, hoje em dia servindo em São Francisco (MG).

Qual a opinião dos colegas sobre a classificação dos postos abaixo relacionados? (Alguns desses já foram extintos):

Alexandria	(RN)
Assunção	(PB)
Avaí (sic)	(SP)
Barcelona	(RN)
Buenos Aires	(PE), e sua tradução em língua tupi, (*não estou brincando*): Botucatu (SP)
Cabo	(PE)
Cabo Verde	(MG)
Califórnia	(PR)
Canadá	(GO)
Catas Altas da Noruega	(MG)
Colômbia	(SP)
Colorado	(PR;RS)
Congo	(PB)
Dalas	(SP)
Equador	(RN)
Filadélfia	(TO)
Flórida	(PR)
França	(BA)
Guiné	(BA)
Holanda	(CE)
Jordânia	(MG)
Loanda(sic)	(PR)
Luiziânia	(RN)
Macau	(RN)
Malta	(PB)
Manilha	(RJ)
Mar de Espanha	(MG)
Marilândia	(ES)
Montividiu(sic)	(GO)
Nova York	(MA)
Orizona (sic)	(GO)
Panamá	(GO)
Porto	(PI)
Porto Rico	(PR)
Rosário	(BA)
Salvador	(BA)
Santiago	(RS)
São Domingos	(ES;GO;SC;SE)
São Francisco	(MG;SP)
São João	(PE;PR)
São José	(SC)
Sta.Cruz da Serra	(distrito de Dq. de Caxias, RJ)
Tailândia	(PA)
Valparaíso	(SP;GO)

Além desses postos, temos também:

Babilônia	(MG)
Belém	(PA)
Britânia	(GO)
Gália	(SP)
Galiléia	(MG)
Helvética	(SP)
Lorena	(SP)
Macedônia	(SP)
Mar Vermelho	(AL)
Montenegro	(RS)
Nazaré	(BA)
Normandia	(RR)
Orleans	(SC)
Palestina	(SP)
Terra Nova	(PR)
Nova Guadalupe	(PI)
Nova Lima	(MG)
Nova Milano	(RS)
Nova Roma	(GO)
Nova Veneza	(SP)
Novo Hamburgo e Hamburgo Velho	(RS).

Para completar, existem a cidade Londrina(PR) e a das Russas(CE), assim como a região dos Lagos(RJ). E se existe uma Ciudad del Este, por que não uma Cidade Ocidental (GO)?

Alguns funcionários que preferem postos próximos à Secretaria de Estado servem no Beirute (comércio Local Sul 109, BSB/DF).

Paris, só no singular, Pari, próximo ao Centro de São Paulo (SP). Enquanto isso, Cuba, por divergências ideológicas, acabou virando plural, Cubas (MG).

Por fim, o velho Itamaraty (mais velho do que o conhecido) fica no Amazonas. ❖

Editado pela:
ADB - Associação dos Diplomatas Brasileiros
Ministério das Relações Exteriores,
Esplanada dos Ministérios,Anexo Administrativo I, Térreo
70170-900 – Brasília, DF – Brasil
Fone: (061) 211-6950 - (061) 224-8022
Fax: (061) 322-0504